





Kotter Editorial

2022



CENAS NUAS



© 2022 Edner Morelli
Kotter Editorial
Direitos reservados e protegidos pela lei 9.601 de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, da editora.

coordenação editorial

Sálvio Nienkötter

editor executivo

Daniel Osiecki

editores-adjuntos

Francieli Cunico
Claudecir de Oliveira Rocha

capa | projeto gráfico

Paula Villa Nova

produção

Cristiane Nienkötter

fotografias

Karol Dalecio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)

Angélica Llacqua CRB-8/7057

Morelli, Edner

Cenas nuas | Edner Morelli

Curitiba: Kotter Editorial, 2022.

56 p.

ISBN 978-65-5361-052-1

1. poesia brasileira I. Título "Cenas nuas"

CDD

21-1169

Kotter Editorial

Rua das Cerejeiras, 194

82700-510 | Curitiba/PR

+55 41 3585-5161

www.kotter.com.br | contato@kotter.com.br

1ª edição

2022



Edner Morelli

CENAS NUAS









CENAS VESTIDAS DE POESIA

Ninil Gonçalves

Duas definições de poesia aparentemente distantes nos conceitos que as embasam, nos fornecem elementos fundamentais para relacionar poesia à arte do fazer poético por meio da palavra e sua relação com a imagem. Uma delas é de Martin Heidegger: “A poesia é a fundação do ser mediante a linguagem”. A outra é de Jakobson, o qual diz que poesia é “linguagem voltada para sua própria materialidade”.

O filósofo alemão entendia essa linguagem como produto dessa relação fenomenológica com o ato de vivenciar a experiência da própria linguagem como força vital do ser. O linguista russo via na palavra a própria dimensão de estrutura do ato poético enquanto forma, surgindo na imagem gráfica da palavra a sua força vital de comunicação.

O livro do qual se trata este prefácio, busca uma relação do ato da captura da imagem por meio da linguagem fotográfica com o fazer poético por meio da



palavra, ou seja, um diálogo de imagens e poemas. Fotografia é antes de qualquer coisa uma linguagem de comunicação, a partir daí se produz o que pode vir ser arte, mas aí surgem questões subjetivas que não cabem aqui como elementos de discussão.

Se voltarmos nosso olhar à Pré-história para verificar as inscrições nas cavernas, a arte rupestre nos fornece os elementos simbólicos impulsionados pelos fenômenos que levaram à necessidade de tais inscrições, assim como graficamente existia o provável deleite da criação artística. O ser humano tem a imagem como elemento fundamental de diálogo com o mundo desde sempre. A própria alfabetização se dá por meio da decodificação de sinais gráficos (imagem).

Juntando-se a esses dois pensadores, trazemos outros dois fundamentais que investigaram a imagem de maneira brilhante: Susan Sontag e Roland Barthes. Sontag nos diz que fotografia é antes de tudo comunicação e que tem na sua estrutura um diálogo entre o presente e o ausente, mostrando que o poético na maioria das vezes está no ausente da estrutura denotada. Barthes nos mostra numa das mais belas definições sobre imagem e poesia:

A proximidade da foto com o haikai permanece muito grande. É bem verdade que a foto é plena, saturada de detalhes



inevitáveis e não o haikai; mas, numa como no outro, tudo é dado imediatamente. O haikai não pode se desenvolver (aumentar), a foto também não; não podemos acrescentar nada a uma foto, não podemos continuá-la; o olhar pode insistir, se repetir, recomeçar, mas ele não pode trabalhar (SALVO CASO LIMITE: quando partimos de uma foto para fabular, sonhar, interiorizar-se, diferente de pintura, na qual o olhar trabalha na própria imagem e não no sonho). Haikai e fotografia são autoridades puras, que não precisam buscar autorização em nada, salvo nisto: ISSO FOI...” (BARTHES, 2005, p. 151)

Neste exato ponto de diálogo se encaixa o livro “Cenas Nuas” com poemas de Edner Morelli e fotografias de Karol Dalecio. A longa citação de Barthes se faz necessária, pois mostra exatamente essa possibilidade de diálogo, tendo a poesia como mediadora, que neste caso, pertence e surge das duas linguagens não como um confronto ou complementação, mas sugerindo uma ligação não óbvia que as une como notas musicais. O instante capturado pelo haikai traz essa dimensão de uma impressão instaurada no vestígio do verso.

Desde tempos remotos as questões visuais relacionadas à poesia são frequentes, passando pela inserção



visual como matéria-prima com Mallarmé, estruturando a ausência de metáforas em W. C. Williams e como elemento fundamental da poesia visual. Uma determinada função da fotografia vem buscando em sua estrutura denotativa os elementos fundamentais para criação de diálogo com uma poética que surja por meio dos elementos conotativos. A fotografia pelo óbvio denotado já emana seu discurso e não necessita de um discurso complementador para adquirir um sentido, como muito bem explicou Barthes.

A legenda e a descrição são desnecessárias ao efeito conotativo proporcionado pela imagem, mas um diálogo entre as linguagens pode trazer elementos novos e profundamente preciosos como efeito poético. Este é o caso do trabalho realizado pelo poeta Edner Morelli e a fotógrafa Karol Dalecio, no qual as fotos já trazem em si os elementos constitutivos de uma poética, mas que são ampliados pelo olhar do poeta. Edner Morelli dialoga com a nudez conotada e ausente das fotos com os elementos que ampliam o fenômeno poético incrustado nas imagens.

A imagem da mulher nua sob o cavalete da obra em construção traz essa dimensão de que o elemento poético está se construindo a partir da imagem, reque-rendo um olhar mais atento que se construa além do



denotado. As imagens de Karol Dalecio trazem essa potencialidade poética que se configura como autônomas no efeito poético, mas o diálogo se amplia nessa possibilidade redimensionada pelo olhar do poeta que desnuda o ausente. Presença e ausência dialogando e criando possibilidades de investigação fenomenológica, regadas no devir que se instaura na continuidade do olhar. Heidegger dizia que “a essência da imagem é: deixar ver alguma coisa” e que “a poesia fala por imagens”.

Assim e num sentido muito privilegiado, as imagens poéticas são imaginações. Imaginações e não meras fantasias e ilusões [...] o dizer poético das imagens reúne integrando a clareza e a ressonância dos muitos aparecimentos celestes numa unidade com a obscuridade e a silenciosidade do estranho. (HEIDEGGER, 2012, p. 177)

Esse estranhamento é típico daquilo que nos apresenta como questionador do usual e do óbvio, evidentemente denotados na superfície aparente das coisas. Edner Morelli e Karol Dalecio promovem um diálogo que foge do óbvio e nos move a uma permanente hesitação e busca pelo ausente, nos desnudando e possibilitando essa imersão em imagens potentes e versos que nos trazem à tona com renovadas possibilidades



de interpretação. Imagens e palavras bailam em cenas vestidas em poesia.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *A Preparação do romance vol. 1*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Cultrix, 2008.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

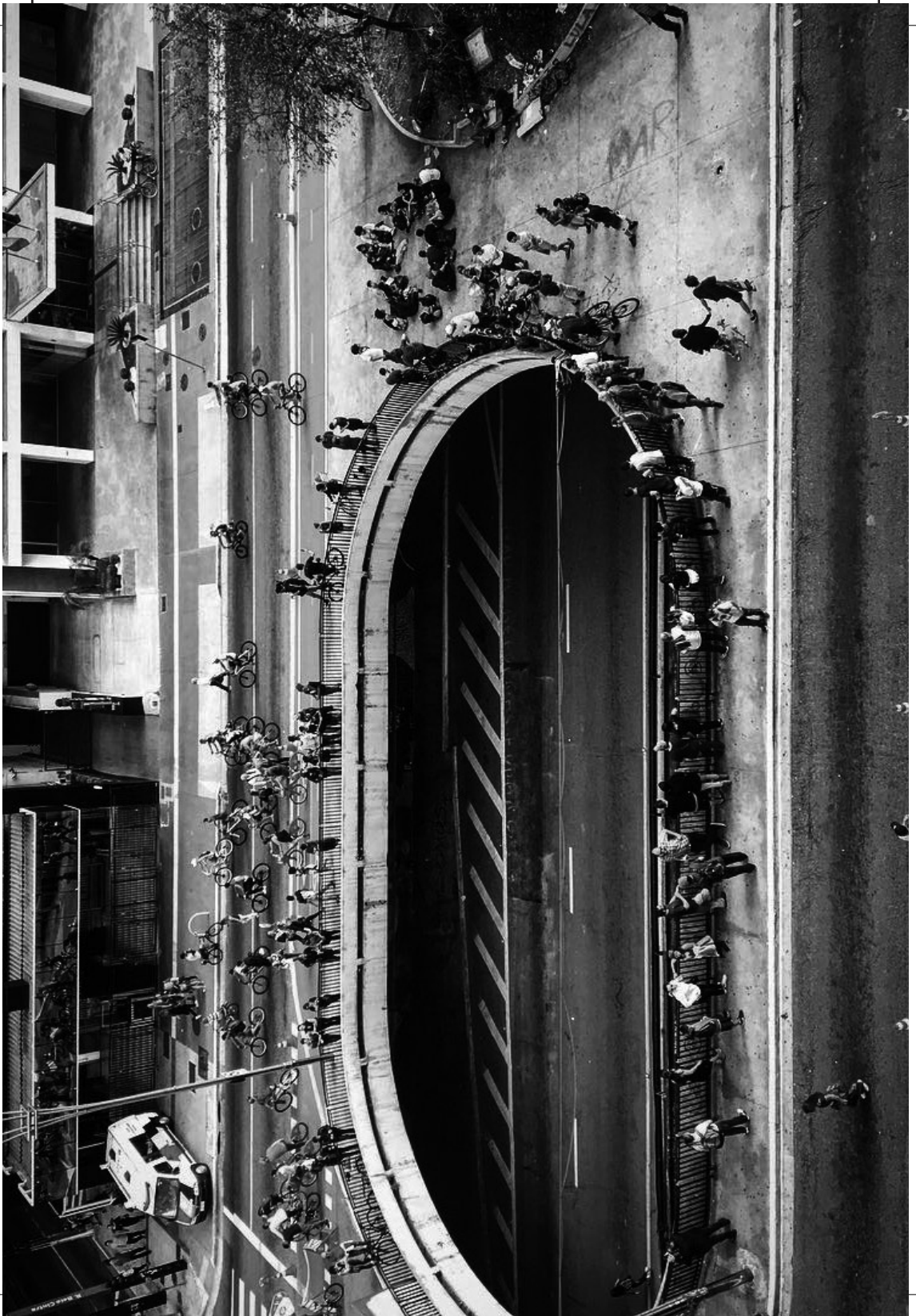
Ninil Gonçalves é professor, poeta e fotógrafo. Graduado em Letras, mestre e doutor em Educação. Publicou os livros de poemas *Absorções* (2011), *Repleta Ausência* (2020). *Fotografia: Cristina nos Olhos* (2014); *Cristinidades* (2015); *Cristinas, Terezas, Marias, Anas...* (2017). Participou de coletâneas de poesia e ensaios literários. Publicou um ensaio fotográfico no livro da ABL referente ao nº 16 da *Revista Brasileira* (2018).







Não houve sangue
A memória em si
Que já é uma forma
De latrocínio (unilateral)
O sofá o corpo o medo de onde vem tanta dor?
Mas ainda há vida e redenção
Janela e interior
Equalizando
A luz dicotômica lançada na origem
Nobre do enfoque
Nu
Para além do filme
Para além do olho
Artimanhas da metafísica?
Mas o real é tão forte
Ela existe?
Ou mera ilusão cênica
O sofá deveria estar preenchido
Talvez dela mesma
Ou algo que se foi
Que soa dentro ainda
“Trouxeste a chave?”





Alguns deslizam confiantes
Em suas metas
Em suas retas
(As rodas denunciam?)
Mas há rodas nitidamente refletindo
(Num ato de resistência)
O imóvel dos parâmetros?
Mãos dadas indicando Amor
Que segue?
Um buraco
No meio dessas existências
“A vida parou
Ou foi uma mensagem no whats?”
Por que olham tanto para o vazio?
Talvez estão à espera de uma cidade submersa
Onde as formas naturais reorganizam *phatos*
Esquecidas
E o que a poesia é capaz de fazer
Num domingo de lazer
Observar os caminhos e voltar para a casa?
Sobre a
Existência cíclica?
(O domingo é
Uma triste invenção burguesa)





Os pés (suspensos)
De tanta andança em torno
De si (procurando)
O corpo dos outros?
(Um esconderijo)
Um ambiente-espelho de si
Um quase não-ambiente
Pelo vazio que o carrega
O que há na cena? Um mundo?
Cansaço
A face ausente
De tanta consciência
Que a paralisa e quase decreta
O fim
As costas arqueadas
Pelo inconsciente
Que sempre
Invade-a e a machuca e a estupra e a destrói
Mas em meio à carne e toda essa *hybris*
Sem horizonte perceptível
Há uma janela
Ideia de transposição
Para alguma cronologia
Vigente